

“Demônios da Rua” e “Anjos do Lar”: a Mulher, o Espaço Urbano e a Loucura no Recife das Décadas de 1930-1945

Maria Concepta Padovan¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo o estudo das relações entre as experiências corporais e os espaços em que as pessoas vivem, de forma a se observar como as categorias de loucura feminina são construídas. Com a modernização ocorrida na cidade do Recife entre as décadas de 1930-1945, observou-se uma mudança significativa nos usos do perímetro urbano. Neste contexto, para que a ordem fosse preservada, a psiquiatria atuou juntamente ao governo, de forma que as preocupações se voltaram para as mesmas áreas : escola, trabalho, e principalmente a família – onde a mulher tinha papel fundamental. A problematização voltou-se para a atuação da mulher no meio urbano, tido como “potencial superfície de emergência da loucura”, de forma que a desobediência dos trajetos destinados, numa relação direta com os papéis sociais traçados para elas, fossem associados a uma das formas de loucura da época.

Palavras-chave: Loucura, Mulher, cidade.

Abstract:

This paper has the purpose of studying the relationships between body experiences and urban spaces, in a way to observe the feminine madness categories created. During the urban modernization at Recife, between 1930-1945, it was possible to perceive changes in the way the spaces were used by society. And as for the preservation of the order, psychiatry acted along the government, directing their concerns to the same areas: school, work and specially family – where women had an important part. The actions turned into the women's behaves in the urban area, though as a potencial surface for the origin fo madness, in a way wich the didobedience of the lifestyle proposed to them, were considered some of the aspects of madness.

Key-words: Madness, Women, City.

1. Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa de Doutorado, e procurou descrever a relação de mulher e seus espaços de atuação pública e privada, mediante associação dos trabalhos do Estado e da psiquiatria, voltados para prevenção e cura da loucura no Recife, entre 1930-1945. A metodologia com a qual se trabalhou baseia-se na Teoria Genealógica de Michel Foucault, que vê a loucura como algo que não tem “essência” própria, mas um sentido que lhe é conferido por determinados grupos sociais em cada período.

A pesquisa foi realizada principalmente com base nos estudos da divulgação das teorias psiquiátricas da época pelo Boletim de Higiene Mental, e a Revista Neurobiologia, que

1 Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

abordam as concepções teóricas vigentes no meio psiquiátrico pernambucano durante o período estudado, e como elas atuaram no processo de construção da loucura.

Além dessas publicações, consultaram-se também exemplares de periódicos da época, como *Jornal do Comércio*, e a revista semanal ilustrada “Pra Você”, contendo artigos onde é possível vislumbrar as mais diversas reações quanto aos modelos de comportamento e aparência femininos.

Visando ampliar as perspectivas historiográficas no que se refere ao estudo da História da loucura em Pernambuco, este trabalho realizou também uma leitura dos prontuários, instrumentos capazes de transmitir exemplos únicos de anseios sociais e lutas pela liberdade, sendo uma das principais fontes de pesquisa, e revelando a realidade da loucura através dos que mais a vivenciaram: os próprios loucos.

2. O Recife que se renova

A cidade do Recife passou por diversas modificações em sua estrutura urbana, a partir de um processo que tivera início na primeira década do século XX. Fruto das reorganizações sociais, a cidade transformava seus contornos de forma abrupta, expressando os conflitos entre a tradição e a modernidade² (REZENDE, 2005).

Entretanto, essa modernização empreendida desde o início do século, que tanto causou sentimentos contraditórios na população, teve suas justificativas ainda mais acentuadas mediante o golpe que levou Vargas ao poder em 1930, frente as necessidades de viabilização de um embelezamento “higiênico” que pudesse ser compatível com a monumentalidade e a importância do novo regime político instaurado (GOMES, 2007).

Essa preocupação de se associar a estética com a higiene, necessária ao estabelecimento da nova ordem, acabou incentivando a criação de espaços ao ar livre, como praças, jardins e grandes avenidas, onde a circulação impedisse ao máximo a concentração de agentes causadores de doenças.

Dessa forma, no governo de Carlos de Lima Cavalcanti (1930-1935), essas diretrizes para intervenção urbana norteavam os principais projetos; e com a chegada do Estado Novo (1937-1945) à Recife, trazendo consigo Agamenon Magalhães, questões como o saneamento,

2 A modernidade, segundo alguns estudos, seria um momento de reflexão crítica, marcado pela busca constante do novo em oposição ao antigo; pelas idéias de avanço linear; e pela velocidade vertiginosa, que não permite uma compreensão das profundidades das mudanças. Movimento típico dos centros urbanos, apresentaria uma materialidade no cotidiano da sociedade, que por sua vez, estaria marcado por um sentimento de segurança baseado nas instituições e no maior domínio da natureza, ao mesmo tempo em que precisaria ainda recorrer a certo tradicionalismo. Dessa forma, caracterizaria-se como um processo contraditório, capaz de criar conflitos pela destruição/recriação de valores (REZENDE, 1997:107-136).

a modernização e a ordenação, e suas implicações sociais, passaram a ser encaradas como prioridades do governo (PONTUAL, 2001:65-69).

Em termos de ações empreendidas, pode-se enumerar a padronização dos bairros, tendo como princípios o progresso e a uniformização. Foram demolidos diversos tipos de edificações, entre as quais encontravam-se tanto estabelecimentos comerciais, quanto depósitos, oficinas e espaços de lazer, bem como edifícios históricos (REZENDE, 2005). Muitas residências de particulares também foram erguidas em estilo considerado moderno para a época, contribuindo para a chamada “renovação” da cidade.

Para dar suporte a tal projeto, foi criado todo um ideal do “novo homem brasileiro”, num esforço coletivo entre diversos setores da intelectualidade juntamente ao governo, onde aspectos católicos e patrióticos se misturavam ao corporal, constituindo símbolos que eram veiculados pela propaganda, e amplamente utilizados para se atingir a emoção popular e provocar um entendimento passivo e sem reflexões (PADOVAN, 2007: 23-35).

Nesta associação de aspectos, destacaram-se as características corporais, tradição que remonta desde períodos medievais e renascentistas até o século XIX (SENNET, 2008), quando os esquemas anatômicos e funcionais dos corpos passaram a inspirar também alguns projetos de locomoção das urbes. A partir destas concepções, a cidade, enquanto uma imagem espelhada do corpo, poderia estar sujeita aos mesmos tipos de regras e intempéries. Pelos usos que dela se fazia, seu “estado de espírito”, assim como o de um corpo humano, podia vir a perturbar-se (NUNES, 1994:21).

E na construção desta associação de sentidos e usos de conceitos entre a realidade corporal, oferecida pelos estudos científicos, e o ambiente urbano, a psiquiatria como portadora de determinados saberes acabou ganhando um certo destaque, devido às suas possibilidades de atuação permitirem maior esquadramento social e a identificação de grupos e áreas “de risco”, além de propor medidas para seu controle e prevenção (PADOVAN, 2007:23-35).

Esses saberes psiquiátricos partiam da teoria da “Anormalidade”, desenvolvida pelo alemão E. Kraepelin (1856-1926), que resgatava a noção de degenerescência³ desenvolvida

3 A Teoria da Degenerescência estava baseada na noção de hereditariedade, e relacionava-se a ideia de uma “decadência” gradual e progressiva de um tipo primitivo perfeito do ser humano, além de destacar às influências do meio como uma de suas causas (PEREIRA, 2001:126-129). Além disso, a teoria de Morel também admitia uma gradação da patologia que não havia antes, ampliando o conceito de loucura e englobando uma parte da população que escapava ao controle convencional da sociedade (PORTOCARRERO, 2002). Suas idéias também colaboraram para o desenvolvimento da noção de que a cidade pode “adoecer”, na medida em que agrega um grande número de degenerados, abrindo espaço para o aparecimento de políticas de normatização e “limpeza” social (CUNHA, 1986).

anteriormente por Benedict Morel (1809-1873), de forma a contribuir para a formação de uma base científica sobre os pensamentos da psiquiatria, e cuja principal preocupação recaía nas questões nosológicas e nosográficas (PEREIRA, 2001: 126-129).

A teoria de Kraepelin, tinha como principais objetivos descrever e classificar as doenças mentais, numa espécie de busca pela “história natural” da doença, tornando possível situar as patologias em um quadro nosológico, de acordo com suas características observadas (PEREIRA, 2001:126-129). Esta concepção acabou por apoiar uma visão de loucura, como doença independente e possuidora de uma “essência” própria, cujas causas poderiam ser conhecidas.

Em Pernambuco, os estudos realizados pela psiquiatria da época estavam em conformidade com estas teorias, que seriam de extrema importância para os trabalhos realizados a partir do início dos anos de 1930 em Pernambuco, uma vez que o responsável pela direção dos trabalhos psiquiátricos no Estado, Ulysses Pernambucano, tomava-as como uma das principais diretrizes modernas para o tratamento das doenças mentais.

Nomeado pelo então governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, para a organização do tratamento aos doentes mentais, Ulysses criou o Serviço de Assistência a Psicopatas (Serviços para doentes mentais não alienados; Serviços para doentes mentais alienados; Manicômio Judiciário e Serviço de Higiene Mental), cujo impacto na organização e execução das maneiras de se lidar com os doentes mentais, foi considerada uma verdadeira revolução, por remodelar e ampliar os cuidados dedicados à doença mental (BOLETIM DE HIGIENE MENTAL, abril/1934).

O caráter científico desse novo trabalho voltou-se principalmente para a introdução de métodos especializados de prevenção, diagnósticos e terapêuticas no trato da doença mental, além do uso e a adaptação das modernas teorias e métodos aos problemas específicos de Pernambuco.

Para a disseminação desses trabalhos, Ulysses organizou também um esquema de publicações, a partir da fundação da revista *Arquivos de Assistência à Psicopatas de Pernambuco* (1931); e posteriormente, *Neurobiologia* (1938), abarcando trabalhos não só do setor médico, mas de todos os intelectuais envolvidos com a problemática da higiene social.

Essa tradição teórica e prática introduzida e estimulada por Ulysses foi um marco considerável nas formas de se pensar e agir sobre a saúde mental, perpetuando-se mesmo após seu afastamento da direção dos Serviços de Assistência (1938), e até mesmo sua morte (1943), quando foi levada a diante por seus discípulos (PADOVAN, 2007: 21).

Dentre os principais aspectos a que se dedicavam, a família era uma das preocupações

mais urgentes, considerada a maior fonte de inspirações e estímulos morais de um país, além de ser sua base propriamente dita de cidadãos. A partir dessa idéia, tudo que estivesse associado a família era exaltado como saudável, motivo de felicidade e admiração social.

Dessa forma, mulher e família eram sempre assuntos correlatos, indissociáveis, uma vez que, de acordo com a ótica psiquiátrica, as mulheres seriam as grandes responsáveis pela manutenção da união familiar, sendo seu papel “natural” o de esposa e mãe, o que consistia numa forte repressão à suas vontades próprias em função das da família (NUNES, 2000).

Mas o corpo feminino representava ainda um “mistério” quanto ao seu funcionamento, de forma que deveria ser tratado com muita cautela, pois poderia revoltar-se a qualquer momento, revelando suas características mais “selvagens”, tornando-se até “anormal”. Desta forma, um severo adestramento deveria ser exercitado desde cedo, no sentido de impedir quaisquer excessos desastrosos à ordem social (NUNES, 2000).

3. Anjos do Lar

Com as transformações na estrutura e na utilização da cidade, as residências não mais ofereciam opções suficientes para manter as moças em afazeres domésticos, e os novos espaços urbanos tornaram-se logo o principal local de circulação e execução de atividades recreativas, que sob as “promessas da modernidade”⁴, acabavam realizando alguns tipos de transgressão dos valores tradicionais da sociedade recifense.

De acordo com as publicações da época, os principais locais de divertimentos da juventude da elite recifense eram as praças e clubes espalhados pelos diversos bairros. O turfe também era uma boa oportunidade para as moças desfilarem frente aos olhos masculinos, além de exibirem a última moda (JORNAL DO COMÉRCIO, 12-08-1941).

Nas épocas de carnaval, os clubes ainda abrigavam bailes carnavalescos disputados, devendo-se reservar mesas com antecedência (PRA VOCÊ, 1930:15). Sua popularidade só rivalizava, entre a gente da elite, com os bailes oferecidos pelos moradores da Rua da Aurora, a “fina flor” da sociedade que abria seus salões aos seletos grupos de amigos (PRA VOCÊ, 1930:15), além dos tradicionais desfiles de “corso”, que eram a oportunidade perfeita para andar nos novos automóveis pela cidade.

4 Alguns autores (GOMES, 2007:111-124; REZENDE, 1997: 57-105) referem-se ao movimento de modernização das cidades, ocorrido a partir do início do século XX, como sendo de caráter estimulante para determinados grupos da sociedade, como os jovens, pelas perspectivas de progresso e pelas promessas de “avanço da verdadeira civilização” que continham em si. Em Pernambuco não foi muito diferente, pois tendo-se o Rio de Janeiro e suas reformas como modelo a ser seguido, uma parcela da população sentia-se atraída pelas reformas: “Populares gostavam de ver o avanço das obras de reforma do bairro (do Recife). Aos espíritos moços fazia bem aquele derrubamento em massa, aquele aniquilamento de vielas e becos, para que tudo, depois, se reerguesse novo, amplo, arejado” (GOMES, 2007:111-112).

Os passeios diários estendiam-se pela orla de Boa Viagem e Olinda, onde poderiam haver banhos de mar, atividades esportivas, ou apenas conversas descontraídas, numa oportunidade perfeita para se exibir ou cultivar uma aparência mais “interessante” aos homens.

A Rua Nova, onde figuravam os principais estabelecimentos provedores da última moda, tinha especial encanto sobre as jovens, assim como as confeitarias, como a Glória, onde podiam refazer-se de uma tarde de compras e prepararem-se para o retorno às suas casas nos bondes. Entretanto, mesmos estes deslocamentos permitidos no perímetro urbano não eram isentos de regras e cuidados para com as expressões corporais, pois um andar mais “diferente” poderia por em risco a boa reputação de uma moça.

Ao cotidiano das moças somava-se geralmente à atividades de estudo, dos quais muitas vezes davam conta em recitais. A preparação para o magistério era a principal (e quase exclusiva) opção, até mesmo para se preparar para o matrimônio ou outras atividades femininas disponíveis na sociedade. A atividade de professora possuía essa consideração devido a sua associação às qualidades de extensões das “habilidades naturais” femininas (SOUSA, 2008:01-15).

Contudo, podia-se encontrar também ofertas de serviços mais específicos, e que requeriam maior experiência, como os de auxiliares, ajudantes e secretárias. Além desses, telefonistas, visitadoras da Saúde Pública ou educadoras sanitárias estavam entre os cargos bem cotados para mulheres, principalmente por envolverem uma educação que não ameaçava a integridade da família, além de ser adequada à constituição física “frágil” do sexo feminino (SOUSA, 2008:01-15). Mesmo assim, as que eram obrigadas a lidar com o público geralmente seriam preteridas como esposas, devido a sua “exposição” ao mundo.

Todas essas atividades acima citadas podiam até representar uma inovação para as mulheres, mas na verdade eram deslocamentos permitidos em sua maioria apenas para moças solteiras, e de preferência, acompanhadas. Dessa forma, uma das últimas fotografias que as moças da elite pernambucana conseguiriam fazer publicar na revista, seria a de seu casamento, onde figurando ao lado do marido, sairia da cena social disponível à outros olhares masculinos, e começaria sua verdadeira vocação: a de “guardiã” da moralidade e dos bons costumes.

O casamento era então proposto como a realização da vida de uma mulher, devendo esta, a partir do mesmo, renunciar a suas vontades em favor de um bem maior: a construção da família. Este ideal estava também diretamente associado a determinados símbolos religiosos que evocavam a pureza, como os anjos e a figura da Virgem Maria.

Assim, acabavam por promover um certo incentivo à submissão e à passividade feminina, cujas atitudes nada mais deviam ser além daquelas que lhes era natural. Reforçando as “designações” de Deus, havia também o Código Civil de 1916, que estabelecia como as mulheres deveriam agir em seus papéis de esposa, além dos preceitos médicos da época que, como já mencionado, associavam o matrimônio à felicidade e à saúde.

Entretanto, todo o cuidado deveria ser tomado, pois do que cabia a mulher, dependia o sucesso do matrimônio, e o próprio interesse masculino por ele também. Qualquer deslize de caráter ou personalidade da mulher poderia desencorajar os interesses masculinos por ela.

Era esperado que permanecessem em casa ao longo do dia, indo às ruas apenas para obter o necessário aos cuidados dos afazeres domésticos e providenciando para que seu lar estivesse impecável ao marido, e aos filhos. Levando-se em consideração a carga de trabalhos domésticos impostas às donas de casa, não surpreende que todo o seu dia fosse dividido entre tarefas, como limpeza e cuidado dos filhos, impedindo maiores deslocamentos no perímetro urbano.

Essa carga de trabalho, além de ser cumprida inteiramente, deveria manter as donas de casa em constante aparência de alegria e beleza, como sugerem diversas ilustrações de propagandas em periódicos, constituindo toda uma pedagogia de como a mulher deveria se sentir realizada na execução de seus trabalhos “naturais”.

As raras oportunidades em que as mulheres casadas deveriam ser vistas nas ruas do Recife eram para ir à Igreja. Este itinerário era considerado praticamente obrigatório, especialmente nos domingos pela manhã, além de proverem às mulheres a oportunidade de, em dias de semana, se dedicarem a alguma atividade extra-doméstica, auxiliando na organização de festas religiosas ou participando de grupos de devoção. Mesmo assim, estes encontros ocorriam apenas uma vez ao mês, de forma a não interferir nos afazeres domésticos, que eram a prioridade da mulher.

4. Demônios das ruas

Com as dificuldades econômicas da transição de uma economia agro-exportadora para industrial, cada vez mais mulheres buscavam o trabalho nas ruas para complementar a renda familiar que seus maridos não conseguiam mais obter sozinhos, desestabilizando, aos olhos tradicionalistas, todo o sistema e a ordem.

Havia muitos empregos disponíveis às mulheres, relacionados aos serviços do lar, e comumente encontrados nos anúncios dos jornais, destacando as qualidades que as candidatas deveriam possuir, para as vagas de amas, cozinheiras, lavadeiras e “serviços domésticos” em

geral, oferecidos por particulares ou grandes grupos comerciais, como hotéis.

Um outro cargo muito importante conquistado pelas mulheres foi o de operária em fábricas têxteis, que a partir dos anos de 1930 desenvolveram-se nacionalmente devido ao impulso tanto do crescimento de um mercado interno, quanto de intervenções estatais, que asseguravam a proteção tarifária (FERREIRA; LIMA, 1994: 03).

Apesar disso, era ainda muito contraditória as formas pelas quais eram rotuladas essas mulheres. Determinadas informações veiculadas nos jornais reforçavam a idéia de que algumas das operárias seriam mulheres de honra duvidosa, bem como o fato de casos de desordem ou atentado à moral, envolvendo operárias, sair nas seções policiais, também não contribuir muito para com a fama do trabalho na fábrica e do perigo que representavam para as mulheres. Muitas ainda acabavam permanecendo solteiras e tornando-se “arrimo de família”, confirmando algumas das idéias que circulavam na sociedade sobre os perigos que esse tipo de trabalho poderia representar para a perpetuação dos costumes familiares.

Outra atividade muito comum foi a de costura, uma vez que envolvia relativamente pouco contato com as ruas e com homens. Considerada digna das classes mais humildes da população, de acordo com o próprio governo da época, os jornais estavam sempre referindo-se a esta profissão nas campanhas pela extinção dos mocambos, como uma espécie de atividade substituta às associadas aos mocambos “causadores de miséria”. Além disso, havia também conjuntos habitacionais denominados “Vila das Costureiras”, reforçando ainda mais a importância atribuída a essa profissão; e o trabalho dos Centros Educativos Operários, com aulas de corte, costura e bordado (MELO FILHO, 2006: 62-63).

Quando a mulher, além de trabalhar fora do lar, circulava em ambientes de lazer considerados inadequados para sua situação, estando ainda constantemente em companhia de homens que não fossem seus parentes, então corria um risco ainda maior de ser associada à categorias negativas.

De forma geral, os ambientes de lazer mais freqüentados giravam em torno de bares e mercados, presentes em todos os bairros, e concentrados principalmente no centro do Recife, onde a principal atração eram os jogos e o consumo de bebidas alcoólicas.

Só o horário em que esses divertimentos estavam disponíveis já era considerado um problema, uma vez que, ou eram em plena jornada de trabalho, ou à noite. E se as noites representavam um perigo muito maior para a circulação de homens de bem, que dirá de mulheres honestas.

Os jogos de azar eram sem dúvida muito criticados, principalmente por distraírem os cidadãos em horários impróprios. Figurando nas páginas policiais dos diversos periódicos, era

considerado ilícito e imoral, sendo seu flagrante geralmente motivo de cadeia. Apesar dos jogos serem atividades na maioria das vezes mais relacionadas ao mundo masculino, atraía também a presença das mulheres “decaídas” pela circulação de dinheiro que implicava, além das bebidas e diversão.

Já o alcoolismo, segundo a psiquiatria da época, era para mulheres uma condição ainda muito pior que para os homens, devido a sua “menor resistência” a ação das bebidas, e a quebra das normas de conduta em que elas poderiam decair. Dessa forma, às mulheres que perambulavam pelas vias públicas à noite, ou promoviam qualquer tipo de desordem em estado alcoolizado, as conseqüências eram o envio à delegacia, como atestam algumas notícias de jornal.

Percebe-se, pelas notícias policiais, que essas mulheres acabavam se tornando alvo persistente das ações policiais não apenas por exercerem uma atividade considerada imoral, mas principalmente por modificarem, com suas presenças, o significado de ruas tradicionalmente decentes, constringendo as famílias nos arredores de suas próprias casas, onde poderiam realizar uma das únicas atividades noturnas nas ruas: as conversas nas calçadas.

Assim, à noite, a cidade ganhava novas dimensões, e a quebra da lógica do espaço urbano, que as elites haviam tentado organizar com as reformas urbanas, estava completa. Envolvendo mulheres “endemoniadas” num movimento de modificações de antigos valores e buscas por maiores possibilidades de deslocamentos e ações, o Recife tornava-se cada vez mais o ante-modelo dos “anjos do lar: uma “menina mal educada e cheia de vontades”, cujo “espírito” havia se abalado devido a todas as modificações pelas quais vinha passando.

5. Considerações Finais

Uma vez que as categorias de moralidade e de feminilidade da época não se modificavam frente a cada vez maior presença feminina nas ruas da cidade, e o sentimento de culpa incutido pela psiquiatria e órgãos governamentais não surtia efeito, as punições encontravam sua vez, sendo uma das mais fáceis e eficazes a taxaço da "desobediente" como louca.

Para Julieta A.⁵, de 22 anos, internada na ala de indigentes, a partir de 13 de outubro de 1939, a situação foi exatamente esta. Sendo parda, solteira, católica e sem instrução, Julieta ainda era operária. Trazida pela polícia, sob a alegação de que perambulava pelas ruas da

5 Prontuário 3008.

cidade, Julieta, que fazia uso moderado de álcool e já havia freqüentado o espiritismo, além de trabalhar numa função pouco atribuída a uma mulher, ainda nutria hábitos igualmente inadequados, deixando claro que para ela o motivo de sua internação era o fato de não ter lugar certo para ir, e “*gostar de andar pelo mundo*”. Foi diagnosticada melancólica, e acabou falecendo em 16 de janeiro de 1940 com verminose.

Pode-se observar, pelo caso de Julieta e as informações de jornais e revistas, como os espaços urbanos também ajudavam a definir os “tipos” de mulher existentes na sociedade pernambucana. Essas formas de se utilizar o ambiente urbano, onde dever-se-ia circular, com quem, a que horas e como as travessias deveriam ser feitas na cidade, afirmavam modelos e ante-modelos que a teoria psiquiátrica criara, tornando sua prática e o dia a dia das mulheres presas em sua teia, a vivência da loucura.

6. Referências Bibliográficas

Boletim de Higiene Mental. Recife: Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, 1933-1935.

COUCEIRO, Sylvia Costa. *A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões*. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FERREIRA, Brasília Carlos; LIMA, Jacob Carlos. *Tradição e Modernidade: trabalhadores urbanos no Nordeste*. In: Anais do XVIII Encontro Anual da ANDOCS. Caxambú: ANDOCS, 1994.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. *Recortes de Paisagem na cidade do Recife: uma abodagem geográfica*. Capítulo 5: “Intervenções urbanas: confecção de paisagens como ideologia da modernização”, 111-123. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

Jornal do Comércio. Recife: Gráficas do Jornal do Comércio, anos de 1936-1940-1941.

LUCENA, José. Ulysses Pernambucano e sua escola de psiquiatria social. In: *Neurobiologia*. Recife, v. 42, n. 4, 253-282, outubro/dezembro de 1979.

MELO FILHO, Lilian Renata de. *O Centro Educativo Operário em Recife durante o Estado Novo (1937-1945): educação e religião no controle dos trabalhadores*. Dissertação (Mestrado) em Educação – Universidade Federal de Pernambuco. CE. Recife: o Autor, 2006.

NUNES, Clarice. A Escola reinventa a cidade. In: HERCSHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M.(Org.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*.

Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PADOVAN, Maria Concepta. *As Máscaras da Razão: memórias da loucura no Recife durante o período do Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado) em História – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Recife: o Autor, 2007.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Clássicos da Psicopatologia: Kraepelin e a criação do conceito de “demência precoce”*. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 4, n. 4, dezembro de 2001, 126-129.

PONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950*. Recife: Ed. Da UFPE, 2001.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

Pra Você. Recife: Gráficas do Diário da Manhã, Março, Abril e Maio de 1930.

Prontuário n. 3008, livro 3000-3050, mulheres, Recife: 1939.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SOUSA, Bernardina Araújo de. Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que desvelam as narrativas? In: XXXI Reunião da ANPEd. Caxambú: ANPEd, 2008.